

 HARLEQUIN®

Sabrina®



Kim Lawrence
DE REGRESSO AO PALÁCIO

Sabrina®

DE REGRESSO
AO PALÁCIO

Kim Lawrence



Editado pela Harlequin Ibérica.
Uma divisão da HarperCollins Ibérica, S.A.
Avenida de Burgos, 8B
28036 Madrid

© 2021 Kim Lawrence
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão da HarperCollins Ibérica, S.A.
De regresso ao palácio, n.º 1901 - setembro 2022
Título original: Waking Up in His Royal Bed
Publicado originalmente pela Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
da reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
acontecimentos ou situações são pura coincidência.
® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades
da Harlequin Enterprises Limited.
® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.
As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e outros países.
Imagen da capa utilizada com a permissão da Harlequin Enterprises Limited.
Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1141-161-5

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Beatrice resistiu ao instinto habitual de abrir caminho entre as brumas do sono e apertou ainda mais o corpo contra os contornos masculinos e quentes... masculinos... aquela noção assustou-a ao mesmo tempo que ouvia a voz melódica da sua irmã ao longe. Aparentemente, recuperara da enxaqueca que tivera na noite anterior e estava a cantar baixinho e de forma irritante.

Uma das maiores diferenças entre elas, para além de a sua irmã não ser loira nem de olhos azuis, era que Maya acordava com um sorriso na cara e com alegria. Também sabia cantar e Maya nunca teria acordado ao lado de um homem que entrara sozinho num bar e saíra alguns minutos depois, acompanhado.

Beatrice levou uma mão à cara com um gesto protetor para conter o medo. Depois, abriu os olhos e esticou os dedos em leque para ver através deles.

Talvez tivesse sido um pesadelo... com algumas partes boas.

Não era um pesadelo!

Viu aqueles olhos de ébano emoldurados por umas pestanas extraordinárias que a observavam com ironia. Beatrice deixou escapar um gemido e afastou-se.

A reação do dono daqueles olhos e daquele corpo que, mesmo vestido, fizera com que todas as mulheres do bar olhassem para ela com inveja quando tinham saído dali

juntos, foi puxá-la mais para si e sussurrar-lhe ao ouvido num tom sedutor:

- Porque tens tanta pressa?

Beatrice sentiu um tremor na parte inferior da barriga, acompanhado de uma sensação de humidade. Com os olhos fechados, deixou escapar um suspiro trémulo e, depois, gemeu quando ele mexeu o seu corpo duro de forma sugestiva para a curva do dela, dando-lhe razões suficientes para não ir a lado nenhum. A sua resistência desapareceu por completo ao sentir o palpitar do desejo masculino contra as pernas.

Durante uns segundos, permitiu-se desfrutar da sensação das mãos fortes e sensíveis a mexer-se pelas suas costelas, traçando uma linha para a sua barriga e fazendo com que sustivesse a respiração por causa da excitação quando lhe cobriu um seio com a mão, acariciando-lhe o mamilo ereto.

- Não continues.

Beatrice sentiu uma pontada de frustração quando ele obedeceu e retirou a mão. Uma ação que a levou a afastar-se um pouco mais, agarrar-lhe o polegar e levá-lo à boca.

- Não sejas má, Beatrice.

Antes de conseguir reagir ao seu protesto rouco, viu-se de barriga para cima. Não era a força do homem que a mantinha ali, com falta de ar. Podia ter deslizado facilmente debaixo dele. Havia ar entre os seus corpos, ele tinha as mãos apoiadas ao lado da sua cara na almofada e o corpo curvado em cima do dela.

Estava ali presa por causa do desejo que a consumia por dentro e por causa do olhar escuro e audaz fixo no seu rosto, que parou nos seus lábios ainda inchados por causa dos beijos que tinham continuado a dar na noite anterior enquanto tiravam a roupa um ao outro ao entrar no quarto.

Os olhos de Beatrice toldaram-se ao recordar como o encontro fora apaixonado. O choque que sentira ao vê-lo ao seu lado ficou relegado quando olhou para ele. O seu rosto era um completo milagre. «Perfeito» era uma palavra

demasiado suave para descrever a sua estrutura óssea perfeita, o tom de pele dourado e o queixo forte coberto por uma barba incipiente e sensual. A firmeza do lábio superior lutava contra a sensualidade do inferior.

Beatrice pestanejou e pigarreou. Consegiu desviar o olhar do dele, fazendo um grande esforço, mas não conseguiu fugir da boca. O ângulo das suas maçãs do rosto, o domínio aquilino do nariz, tudo se apagou quando ele inclinou a cabeça. O primeiro beijo foi um sussurro quente e tempestuoso por cima dos seus lábios entreabertos que lhe despertou um gemido na garganta. O segundo, também suave e nos cantos da boca, levou-a a arquear o corpo para tentar aumentar a pressão. Os que se seguiram intensificaram a tortura até já não conseguir continuar a suportá-lo e levantar as mãos, afundando-as no seu cabelo escuro e abundante, antes de as entrelaçar na nuca e de o puxar para ela com os olhos fechados.

Beijaram-se com paixão selvagem, retorcendo os corpos sinuosamente para aumentar o contacto, arrebatados por um desejo que os fazia pensar na noite anterior.

- Beatrice, vais descer ou levo-te o café?

Beatrice ficou tensa como se lhe tivessem atirado um balde de água fria de realidade. Fechou os olhos e um gemido de recriminação nasceu na sua garganta. Sem dizer nada, afastou-se do corpo quente contra o qual estava colada.

- Fraca... estúpida... fraca! - murmurou, castigando-se verbalmente enquanto tirava as pernas compridas da cama e agarrava, com um gesto elegante, no lençol que caíra aos pés da cama em algum momento.

Não parou até chegar ao canto mais afastado do quarto, onde se apoiou contra a parede, segurando o lençol contra o seu corpo. Não se tratava do melhor escudo do mundo, mas era melhor do que nada.

Olhou nervosamente para a porta. Na sua mente, surgiu um cenário de pesadelo: Maya a aparecer pela porta.

- Já desço! - gritou. - Tens de ir - sussurrou, lançando um olhar agónico ao homem que estava deitado na sua cama.

Ele não parecia ter pressa. Deitou-se de barriga para cima e pôs uma mão na nuca, fazendo com que o lençol leve que lhe cobria as ancas estreitas deslizasse um pouco mais. Sentia-se completamente confortável nu, mas ela não. Era uma escultura andante e perfeita, feita de músculos e pele azeitonada. O simples facto de olhar para ele causava-lhe calafrios.

A sua expressão brincalhona não concordava com a frustração sombria que se via no seu olhar quando o pousou no montículo dos seios dela, por cima do lençol que Beatrice agarrava desesperadamente.

- Tens de sair daqui - voltou a dizer, num sussurro. - Não tornes as coisas mais difíceis.

Ele acomodou-se, apoiando o peso num cotovelo.

- Não vejo qual é o problema - replicou, com um olhar inocente. - A menos que te tenhas esquecido, estamos casados.

Capítulo 2

Beatrice deixou escapar um assobio surdo e recusou-se a desviar o olhar do desafio que viu nos olhos de Dante Aristide Severin Velázquez, príncipe de San Macizo.

O seu marido.

- Oxalá pudesse esquecer-me. - O murmúrio chegou acompanhado de um olhar ressentido que não condizia com o seu divórcio civilizado.

Nunca entendera realmente o que significava um divórcio civilizado, mas estava convencida de que não incluía uma noite de sexo apaixonado com o ex-marido.

Todos tomavam más decisões e ela não era uma exceção, mas, às vezes, tinha a sensação de que, desde que Dante entrara na sua vida, as únicas decisões que tomara eram más... desastrosas, de facto.

Sempre pensara que as ações de uma pessoa tinham consequências e que era preciso viver com elas. Ou, no seu caso, tentar afastar-se delas, pelo menos, das mais perigosas.

Contudo, então, Dante aparecera e Beatrice esquecera a sua filosofia. As suas habilidades de navegação tinham tirado férias. Não se esquecia, mas não se importava com as consequências. Os instintos primitivos que Dante despertava nela tomavam o controlo por completo. Uns instintos que tinham sossegado os sinais de alarme, que mantivera calados. De facto, na noite anterior, não houvera nenhum alarme, só um desejo arrebatador.

Quando levantara a cabeça, vira a razão por que o bar abarrotado ficara em silêncio e sentira um desespero profundo, como um drogado que tinha a sua droga favorita ao alcance da mão e conseguia cheirá-la. Dante era o seu vício, um vírus do sangue contra o qual não tinha antibióticos.

Podia parecer que não tinha escolha, mas tinha. Não entrara naquela situação como uma sonâmbula. Sabia sempre o que estava a fazer. Sim, não procurara o seu nome na Internet quando aceitara o seu convite para jantar, consciente de que não estava a falar de um jantar a sério. Porém, não era preciso procurar dados, bastavavê-lo uma vez para saber que representava o perigo de que passara a sua vida adulta a fugir.

A ideia de sentir uma atração suficientemente forte para partilhar intimidade com um desconhecido era algo que considerava com um sorriso incrédulo e até petulante. Estava convencida de que qualquer relação que tivesse surgiria da amizade e do respeito.

Fora para a cama com Dante na primeira noite. Estava tão decidida a fazer com que aquela primeira noite acabasse como ela imaginara assim que o vira que não lhe dissera que seria a sua primeira vez, pois tivera medo de que Dante recuasse.

E o instinto não lhe falhara, porque Dante não se mostrara contente depois de saber que era inexperiente e dissera, muito sério, que as virgens «não eram para ele». Podia ter acabado tudo ali... mas não fora assim, porque Beatrice não queria.

Quando lhe respondera que já não era virgem e, portanto, o obstáculo desaparecera, Dante rira-se e voltara a rir-se quando lhe explicara que não fora uma escolha consciente. Não estava à espera do homem adequado nem algo parecido, simplesmente, não era uma pessoa particularmente «física».

Tinham passado os três dias e noites seguintes na cama a desmontar aquela teoria. Nada nem ninguém os incomodara nas águas-furtadas de vistas milionárias que Beatrice nunca vira porque estava a saborear cada momento perfeito de intimidade. Sabia que aquele paraíso não ia durar. Dante deixara-o dolorosamente claro.

Não deixara lugar para dúvidas quando lhe explicara que não era um homem de relações a longo prazo nem de facto de nenhum tipo de relação naquele momento da sua vida.

Aquilo era algo que Beatrice já sabia, porque procurou finalmente o seu nome na Internet no telemóvel: se era verdade que fora para a cama com uma décima parte das mulheres que ali mencionavam, era impressionante que tivesse encontrado tempo para dedicar à fundação de beneficência que criara. Era inevitável interrogar-se se alguma vez dormia, mas Beatrice sabia que sim. Observara, com um fascínio absoluto, como as linhas duras do rosto relaxavam quando dormia, fazendo-o parecer mais jovem e quase vulnerável.

Naquele fim de semana, houve mais de uma vez em que Dante se sentira na obrigação de voltar a pôr-lhe os pés na terra, recordando-lhe: «Isto é apenas sexo... sabes, não sabes?».

A bolha de fantasia em que Beatrice passara o fim de semana rebentara quando abrira os olhos e o encontrara ali de pé, de fato e bem arranjado, com o aspetto do príncipe *playboy* sempre disposto a dar um bom artigo.

Beatrice recordou como lutara contra o desejo de correr atrás dele quando Dante parara ao agarrar a maçaneta da porta. Ela conseguira dar uma resposta fria e despreocupada à sugestão de Dante de que se encontrassem três semanas depois, quando os seus compromissos o levassem novamente a Londres.

Ao fim das três semanas, as coisas tinham mudado e fora impossível ignorar as consequências dos seus atos. Mesmo que não tivesse feito tantos testes, sabia porque se sentia

diferente; sabia que estava grávida sem necessidade de olhar para a linha azul.

Também sabia perfeitamente como seria o passo seguinte, a resposta furiosa de Dante. Recreara a cena na sua mente várias vezes e com algumas variações e sabia exatamente o que ele ia dizer. Continuava a saber quando tocou à campainha e um homem de uniforme a acompanhou ao elevador.

Beatrice entrou, sabendo não só o que ia dizer, mas quando dizê-lo. Permitir-se-ia uma última noite com ele e, depois, contar-lhe-ia.

Mas a verdade foi que mal conseguiu fechar a porta atrás dela quando lhe contou.

- Estou grávida, e sim, sei que tivemos... que tiveste cuidado.

Tinha uma lembrança vaga de ter desviado o olhar do dela.

- Fiz três testes e... não, isso é mentira, fiz seis. Só quero que saibas que não quero nada de ti. Irei a casa amanhã para contar à minha mãe e à minha irmã e vou ficar bem. Não estou sozinha.

Dante ficou ali de pé sem se mexer durante a sua exposição dos factos. Estranhamente, o facto de o dizer em voz alta fizera com que o segredo que guardava parecesse um pouco menos surreal.

Beatrice achava que estava pronta para qualquer reação, a maioria incluía barulho, mas não pensara na possibilidade de Dante se virar e sair pela porta antes dela conseguir recuperar o fôlego.

Não sabia se decorreram uns minutos ou uma hora, mas, quando a porta se abriu novamente, ela não se mexera do sítio onde estivera antes da sua saída abrupta. Dante continuava um pouco pálido, mas não tinha um ar de espanto. Uma expressão decidida como o aço marcava as linhas do seu rosto.

- Bom, está claro que temos de nos casar. A minha família não precisa de fazer parte disto, é uma das vantagens de ser o substituto do rei. O Carl vai casar-se e, certamente, nem sequer vão aperceber-se do meu casamento. E tu?

Carl? O que é que o seu irmão mais velho tinha a ver com aquilo? Os pensamentos de Beatrice iam alguns passos mais atrás das palavras de Dante.

- Um casamento grande, dadas as circunstâncias, não é uma opção. Mas, se quiseres que a tua família mais próxima venha, posso tratar de tudo. Tenho negócios para tratar na zona, portanto, o que achas de Las Vegas na semana que vem?

Dante fez uma pausa, certamente, para respirar fundo.

- Estás a brincar? As pessoas não se casam porque vão ter um bebé... vamos esquecer o que disseste. Estás em estado de choque.

Dante não pareceu ter o seu comentário em conta.

- Talvez seja apenas o substituto, mas continuo a ser o segundo na linha de sucessão ao trono... o meu filho não carregará o estigma de ser um bastardo. Acredita em mim, vi-o com os meus próprios olhos e não é bonito.

- Estás louco.

Dante tinha um argumento para todas as objeções que lhe apresentara. O mais convincente fora que era o melhor para o bebé, aquela nova vida que tinham criado.

Beatrice acabara por aceder, é claro. Dizer que sim a Dante era um hábito que tinha de quebrar se quisesse recuperar o controlo da sua vida.

E quanto à noite anterior... como podia ter sido tão estúpida... outra vez? E só podia culpar-se. Dante não tinha de fazer nada para que o seguisse como um cachorrinho. Só tinha de existir.

E nunca ninguém existira tanto como Dante. Nunca conhecera alguém tão vivo. Tinha uma presença eletrizante e exsudava uma vitalidade nua que fazia com que fosse impossível esquecê-lo.